

LUZES SOBRE EVA: UMA NOVA MULHER, UM VELHO PATRIARCADO

Beatriz Martins de Andrade
bia.martins2@hotmail.com

Resumo

O presente artigo trata de Eva, narradora do livro “Precisamos Falar sobre o Kevin” lançado no Brasil em 2007 e personagem principal do filme de mesmo nome dirigido por Lynne Ramsay de 2011, como uma representação da “nova mulher” proporcionada pelos avanços e vitórias do feminismo, mas que é suprimida, mimetizada¹ e culpabilizada pela presente mão do velho patriarcado que age intrinsecamente na contemporaneidade. Eva Khatchadourian é mãe de Kevin Khatchadourian, um adolescente responsável por cometer um atentado na escola em que estudava, porém o romance epistolar e a produção audiovisual não tratam apenas disso, a maternidade é o ponto principal de ambas produções. No decorrer desse texto, pretendemos pontuar passagens das obras já citadas com o objetivo geral de evidenciar a presença da cultura patriarcal na sociedade, além de tornar evidente a representação de Eva como “nova mulher” subjugada pela cultura patriarcal, apontando – também – a síntese do universo feminino pela premissa “mulher = mãe”.

Palavra-chave: Feminismo; Nova mulher; Maternidade.

Abstract

The present article deals with Eva, narrator of the book "We Need to Talk about Kevin" released in Brazil in 2007 and main character of the 2011 film of the same name directed by Lynne Ramsay, as a representation of the "new woman" provided by the advances and victories of feminism, but who is suppressed, mimicked and blamed by the present hand of the old patriarchy that acts intrinsically in contemporaneity. Eva Khatchadourian is the mother of Kevin Khatchadourian, a teenager responsible for committing an attack in the school where he studied, but the epistolary novel and the audiovisual production are not only about that, motherhood is the main point of both productions. Throughout this text, we intend to punctuate passages of the works already mentioned with the general objective of evidencing the presence of patriarchal culture in society, besides making evident the representation of Eve as a "new woman" subjugated by patriarchal culture, pointing - also - the synthesis of the feminine universe by the premise "woman = mother".

Key-words: Feminism; New Woman; Motherhood.

Introdução

O livro “Precisamos falar sobre o Kevin”² de Lionel Shriver foi publicado em 2003 nos Estados Unidos, poucos anos depois do massacre de Columbine, do qual a sociedade ainda se recuperava. O livro ganhou o prêmio britânico Orange Prize em 2005, e obteve vendas espetaculares em todo país. No ano de 2007, foi lançado pela editora Intrínseca

¹ O que queremos dizer com “imagem mimetizada” é que são imagens que não refletem a verdade, mas sim um conjunto mitológico, estereotipado e idealizado sobre a mulher.

² SHRIVER, Lionel. **Precisamos falar sobre o Kevin**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2007.

no Brasil. Em uma publicação no *The Guardian*, a escritora afirma que o manuscrito desse livro foi negado por editores e agentes literários. Ela entregou o manuscrito pouco tempo depois dos ataques do 11 de setembro de 2001, e acreditava que aquele foi um momento inoportuno: “*in that hilarious little window when everyone thought Americans would never read or watch anything violent again*”³ (SHRIVER, 2011). Shriver também nos conta que com o baixo orçamento para divulgação, o livro ganhou fama no “boca a boca” entre as mulheres do *Upper East Side*, depois começou a fazer parte de clubes do livro, e assim, o romance atingiu a lista de mais vendidos no *London Times* (SHRIVER, 2011).

Partindo para a obra, ela aborda inicialmente a vida de Eva, uma mulher estadunidense de ascendência armênia, autora de guias de viagem, independente e que tem paixão por viajar para conhecer os lugares que indica em seus guias. Ela se apaixona e tem uma relação com Franklin, com quem tem um filho – que a princípio não tinha vontade de gerar, mas observando o desejo de seu marido, a felicidade que ele sentia quando convivia com algumas crianças, abre mão de sua não-vontade e engravida do seu primeiro filho – Kevin, e depois da sua filha mais nova, Célia, da qual Eva engravida apenas como uma forma de mostrar para Franklin que tentava ser uma boa mãe, mas que o filho mais velho não aceitava seu amor.

Franklin é um homem de negócios, que vive em prol do seu trabalho, passa a maior parte do dia fora, chega em casa sempre cansado e apenas vivencia alguns breves momentos com seu filho antes de dormir; passa os fins de semana entre a vida social e a vida familiar; e se recusa a acreditar nas palavras de sua esposa, que desde o nascimento de Kevin assinala as atitudes, gestos e ações do menino que ela observava cotidianamente e que não entendia como comum para crianças da sua faixa etária. Kevin nunca foi um bebê fácil, sempre chorava muito, evitava as investidas amorosas de Eva e enlouquecia as babás, além de se envolver em acontecimentos macabros, como na morte de um animal de estimação e o acidente que sua irmã sofre. Já Célia, sempre foi uma criança doce, simpática e que adorava o carinho da mãe.

A narradora-personagem do livro nos conta, através de cartas que escreve para seu marido ausente, o qual descobrimos que foi assassinado por Kevin, juntamente com a filha,

³ “Nessa pequena janela hilária quando todos pensavam que os americanos nunca mais leriam ou assistiriam a nada violento de novo” (tradução nossa)

durante uma das cartas mais envolventes de Eva, sobre os seus sentimentos antes, durante e depois do nascimento do seu filho que se torna um assassino com nuances sociopatas. Sentimos em todo livro o sofrimento de uma mulher que perde sua “vida normal” – uma vida voltada ao seu trabalho e a família, sua vida social, que apesar de não ser uma vida essencialmente normal, já que a gravidez e a maternidade de seu primogênito não possibilitavam a normalidade, era uma vida que Eva se adaptou e depois foi retirada dela – graças à chacina que o filho comete em sua escola, aos 15 anos.

Já o filme homônimo⁴ dirigido por Lynne Ramsay, filmado em Nova York e Stamford, foi exibido no Festival de Cannes em 2011, a crítica ofertada pelo jornal *Daily Telegraph* aponta a interpretação de Tilda Swinton (quem corporificou Eva) como “*magnificent*”⁵ (JONES, 2011), enquanto o *The Guardian* chama o filme de “*superb*” (JONES, 2011): *Ramsay's superb film reminds us that someone does the dirty, dreary work of explaining, feeling unhappy, going on prison visits and generally carrying the can. And that may well be the mother. As Swinton's Eva wearily washes off the red paint that someone has splattered over her porch, the movie wanly restates the undramatic truth: the mess must be cleaned up somehow, and it isn't the men who wind up doing it.*⁶(BRADSHAW, 2011). Nele vemos uma narrativa não linear de fatos e imagens em *flashes*, que corroboram para o nosso entendimento de quem foi Kevin e sua relação com a família, e sua chacina. Vemos também, o desmoronar de uma mulher bem sucedida. Perseguida e agredida pela sociedade e pelos pais das vítimas de seu filho.

Outrossim, tanto a obra literária quanto a audiovisual demonstram para nós a culpa que é inculcada a Eva como mãe por qualquer problema que acontecesse ao filho, se ele ficasse doente, era culpa dela por não saber cuidar dele; se ele caísse e se machucasse, era culpa dela por não ficar atenta à todo instante; se ele chorasse muito, era culpa dela por não saber acalmá-lo da maneira correta; se ele matou o pai, a irmã e os colegas de escola, era culpa dela não ter sido uma boa mãe. Além disso, evidenciam a sua falta de desejo de ser

⁴ PRECISAMOS Falar sobre Kevin. Direção de Lynne Ramsay. Estados Unidos: **Paris Filmes**, 2011. Disponível na plataforma de streaming Prime Video (1h 52m)

⁵ “Magnífico” (tradução nossa).

⁶ “O excelente filme de Ramsay nos lembra que alguém faz o trabalho sujo e maçante de explicar, sentir-se infeliz, ir à prisão e geralmente carregar a lata. E essa pode muito bem ser a mãe. Enquanto a Eva, interpretada por Tilda Swinton, lava a tinta vermelha que alguém espalhou em sua varanda, o filme reafirma vagamente a verdade nada dramática: a bagunça deve ser limpa de alguma forma, e não são os homens que acabam fazendo isso.” (tradução nossa)

mãe, o seu esforço para se aproximar de Kevin e sua tentativa de demonstrar que era uma boa mãe, e uma mulher.

Nesse artigo, pretende-se colocar luz sobre Eva, pois ela é quem recebe a voz por parte da autora do livro e da diretora do filme, são dela os sentimentos que estão escritos e expostos nas obras, que vão muito além de mostrar a violência de Kevin. Ela, como tentaremos mostrar, simboliza a “nova mulher”, que é dona de si e conquista seu espaço no mercado de trabalho, porém, mesmo com os avanços do feminismo, é esmagada pela pressão social. Observamos também, a presença pulsante da cultura patriarcal, a qual confere a mulher o papel secundário na família, ou seja, que ela deveria, obrigatoriamente, servir ao marido e aos filhos sem questionar tais convenções; deixar em segundo plano seu emprego; e abrir mão da sua identidade como mulher para apenas ser mãe.

Acreditamos que a justificativa essencial desse artigo é a necessidade de olharmos por Eva e por todas as mulheres que ainda são rotuladas como mães e não-mães, sobre os seus papéis essencialmente secundários na família, fora a responsabilização das mesmas pelos atos de seus filhos infratores.

Eva como uma nova mulher e as ondas didáticas do feminismo

A “nova mulher” surge no fim do século XIX e início do século XX. Essa nova mulher ou mulher moderna se viu abastecendo as fábricas de braços trabalhadores para suprir os déficits da mão de obra masculina, que foi diminuída graças à Guerra Civil estadunidense e depois pela Primeira Grande Guerra, e ainda para acompanhar a transformação crescente da produção do grande capitalismo, uma vez que

As relações de produção, que durante tantos séculos mantiveram a mulher trancada em casa e submetida ao marido, que a sustentava, são as mesmas que, ao arrancar as correntes enferrujadas que a aprisionaram, impelem a mulher frágil e inadaptada à luta do cotidiano e a submetem à dependência econômica do capital. A mulher ameaçada de perder toda a assistência, diante do temor de padecer privações e fome, vê-se obrigada a aprender a se manter sozinha, sem o apoio do pai ou do marido. (KOLLONTAI, 1979, p.17)

Entender esse surgimento é importante, já que a mulher nesse século ainda era vista como um ser dotado de “virtudes femininas”, as quais eram a passividade, a submissão e a doçura (KOLLONTAI, 1979, p.17). Esses elementos por si só não supriam mais as necessidades das sociedades do final do século XIX e início do século XX. A nova mulher

precisava de firmeza, decisão e energia (KOLLONTAI, 1979, p.17), que eram características atribuídas aos homens⁷. Logo a autora Alexandra Kolontai, aponta que essa mulher moderna, “pela formação de seu espírito, se encontra incomparavelmente mais próxima do homem do que a mulher do passado” (KOLLONTAI, 1979, p.18). Essa aproximação transforma a mentalidade da mulher que participa da classe operária, a qual, agora, se enxerga como um ser semelhante ao homem, que pode/deve compartilhar dos mesmos direitos e não ser mais submissa ao mesmo. Diante disso, o que, ironicamente, era apenas uma necessidade capitalista de mão-de-obra, proporciona o início de um movimento revolucionário: um embrião do feminismo. Podemos confirmar a premissa anterior com a seguinte passagem de Kolontai:

A mulher da classe operária contempla como nasce e se fortalece dentro de si a consciência de sua independente individualidade. Tem fé em suas próprias forças. Gradualmente, de forma inevitável e poderosa, desenvolve-se o processo de acumulação de novos caracteres morais e espirituais da mulher operária, caracteres que lhe são indispensáveis como representantes de uma classe determinada. Há, porém, algo ainda mais essencial, é que esse processo de transformação da estrutura interior da mulher não se reduz unicamente a personalidades, mas corresponde a grandes massas, a círculos muito grandes, cada vez maiores. A vontade individual submerge e desaparece no esforço coletivo de milhões de mulheres da classe operária, para adaptar-se às novas condições da vida. Também nesta transformação desenvolve o capitalismo uma grande atividade. Ao arrancar do lar, do berço, milhares de mulheres, o capitalismo converte essas mulheres submissas e passivas, escravas obedientes dos maridos, num exército que luta pelos seus próprios direitos e pelos direitos e interesses da comunidade humana. Desperta o espírito de protesto e educa à vontade. Tudo isto contribui para que se desenvolva e fortaleça a individualidade da mulher. (KOLLONTAI, 1979, p.20-21)

Embora, seja válido salientar que nos Estados Unidos da segunda metade do século XIX, as mulheres já lutavam contra a submissão e a favor de seus direitos, como salienta Angela Davis no capítulo 9 - “Mulheres trabalhadoras, mulheres negras e a história do

⁷ Aqui, acredito ser válido salientar as contribuições do historiador Thomas Laqueur em seu livro “Inventando o Sexo”, no qual ele lança a mão da teoria do sexo único, advinda da Antiguidade Clássica, segundo a qual o sexo biológico não seria representado de maneira ontológica. Ou seja, havia um unissexo, o qual se desdobrava em sexos sociais e os papéis sociais masculinos e femininos, o que chamamos hoje de gênero, mas em termos fisiológicos e anatômicos não havia uma divisão entre o corpo masculino e feminino; os corpos se distanciavam em uma função de grau, mas não de natureza. Apenas no século XVIII, com os conhecimentos médico-científicos que enfim conhecemos uma divisão binária-fisiológica entre homens e mulheres. O autor, com essas reflexões, tenta nos demonstrar que o sexo biológico não era uma referência sólida, as relações de poder se estabeleciam conforme características pré-concebidas como perfeitas e ideias cujo o indivíduo portava. Dessa forma, como o corpo masculino era considerado perfeito, quente e ativo, graças à uma perspectiva clássica, o homem se torna o ser dominante; enquanto o corpo dotado de características mimetizadas do feminino, como a passividade, a frigidez, a pouca perfeição, era visto como dominado.

movimento sufragista” do seu livro “Mulheres, Raça e Classe”, quando escreve que em 1868, Susan B. Anthony publicou a primeira edição do jornal “*Revolution*” e que as trabalhadoras começaram a lutar pelos seus direitos, essencialmente ao direito ao voto:

Embora sua visão com frequência estivesse concentrada de modo muito restrito na questão do voto, o *Revolution* desempenhou um papel importante nas lutas das trabalhadoras durante os dois anos em que foi publicado. A reivindicação pela jornada de oito horas diárias era repetidamente levantada nas páginas do jornal, assim como o lema antissexista “salário igual para trabalho igual”. De 1868 a 1870, as trabalhadoras – especialmente as de Nova York – podiam contar com o *Revolution* para divulgar suas queixas, bem como suas greves, estratégias e metas. (DAVIS, 2016, p. 155-156)

De forma resumida, com esses precedentes podemos entender o que ficou conhecido como “primeira onda feminista”, que surgiu no fim do século XIX nos Estados Unidos e na Inglaterra, com mulheres sindicalizadas na Inglaterra e mulheres organizadas nos Estados Unidos, que se organizaram para lutar pelos seus direitos políticos, ganhando escala mundial. Essas mulheres protestavam e organizavam greves ficaram conhecidas como *sufrajetes*. Outras reivindicações também pairavam sobre as discussões como as diferenças de contratos de trabalho e na compra de propriedades privadas entre homens e mulheres, e contra o casamento arranjado.

Já o que ficou conhecido como “segunda onda feminista” surge na metade do século XX. Na década de 1960 ocorreu a Revolução Sexual, mediante ao advento da pílula contraceptiva, o que proporcionou uma nova movimentação por mais direitos. Na França, um dos países que mais tiveram repercussões dessa onda, Simone Beauvoir escreve o livro “O Segundo Sexo” em 1949, a escritora foi uma das principais vozes desse momento, com esta passagem do livro podemos refletir sobre a necessidade de as mulheres lutarem por sua individualidade:

“A fêmea é fêmea em virtude de certa carência de qualidades”, diz Aristóteles. “Devemos considerar o caráter das mulheres como sofrendo de certa deficiência natural”. E Sto. Tomás, depois dele, decreta que a mulher é um homem incompleto, um ser “ocasional”. É o que simboliza a história do Gênesis em que Eva aparece como extraída, segundo Bossuet, de um “osso supranumerário” de Adão. A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele; ela não é considerada um ser autônomo. (DE BEAUVOIR, 2014, p. 10)

Apenas em 1965, 16 anos após Beauvoir escrever esse livro, as mulheres casadas francesas receberam o direito de trabalhar sem a necessidade da permissão de seu marido. Sendo considerada, enfim, “autônoma” para escolher trabalhar ou não.

Nesse segundo momento de holofotes, surge no discurso feminista a ideia de empoderamento feminino, a ideia de distinção entre gênero e sexo, e ainda a busca para a origem da condição da opressão ao ser feminino. Pergunta-se “por que as mulheres são vistas como inferiores aos homens?” Ou citando uma pergunta feita por Beauvoir: “De onde vem essa submissão na mulher?” E uma resposta é o próprio sexo, a capacidade reprodutiva da mulher, a sua inferioridade “natural”, baseadas nos fatores biológicos do próprio sexo feminino. A mulher desde sempre esteve ligada econômica e socialmente à reprodução, e o patriarcado faz manutenção dessa relação, já que explora essa capacidade. E esse é o ponto principal que une as mulheres da metade do séc. XX, uma vez que apesar de todas as diferenças que permeiam o movimento, um ponto primordial as une: a opressão por serem mulheres. Inicia-se também críticas à pornografia, ao trabalho sexual, à exploração da mulher na maternidade e no casamento.

Nos estudos feministas até 1970, o objeto central de estudo era a “mulher”, no singular, como um ser unificado, porém a partir da metade dessa década, muda-se o foco para “mulheres” no plural. Mas é apenas alguns anos depois, quando se somam as reivindicações anteriores a explosão da internet como meio de propagação do movimento, que observamos o surgimento do conceito de *interseccionalidade*, que é uma marca do feminismo de terceira onda. Esse conceito, desenvolvido em 1989 por Kimberlé Crenshaw, serviu como um meio para juntar as diversas opressões que as mulheres sofrem através de três categorias de minoria: raça, classe e sexualidade. Assim dizendo, ele sugere que o feminismo deve evitar uma universalidade da luta da mulher, entendendo que determinados grupos são oprimidos não só por serem mulheres, mas também por serem de determinada raça, classe e sexualidade, e como traz Angela Davis em seu livro já citado aqui. Com esse e outros livros, a estadunidense se torna um suporte teórico para o feminismo negro⁸.

⁸ Para um conhecimento a mais acerca dos livros de Angela Davis, ver: DAVIS, Angela. **Uma autobiografia**. Boitempo Editorial, 2019. E DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. Boitempo Editorial, 2017.

Embora no final dos anos 1970, algumas discussões sobre sexo/gênero tenham surgido, principalmente pela teorização da autora Gayle Rubin a partir do seu artigo “O Tráfico de mulheres”, é apenas com a definição de gênero como uma categoria de análise histórica por Joan Scott que a discussão do feminismo muda de foco e deixa de compor o significado de gênero ligado apenas as diferenças físicas pré-determinadas para o campo do masculino quanto para o feminino. A historiadora tenta refletir as relações de gênero como uma construção no campo das relações sociais e dos significados culturais formados em diversos contextos históricos pelos homens. Esse estudo sobre gênero, fundamentado por um paradigma teórico possibilitou que as feministas conquistassem um espaço teórico próprio, com chancela acadêmica e política, trazendo mais credibilidade aos debates feministas.

Depois de entendermos um pouco sobre a “nova mulher” e sobre a ascensão do feminismo, podemos, finalmente, analisar Eva nesse aspecto. A premissa utilizada sugere que Eva é uma figuração da “nova mulher”, a qual surge no final do século XIX e início do XX e que se molda com as ondas didáticas, as quais abordamos acerca do feminismo. Como uma representação da mulher trabalhadora (que entra no mercado de trabalho por necessidade, mas que encontra nessa uma forma de equiparação a liberdade que os homens tinham), Eva desde o início do livro fala de sua carreira e da importância que a mesma tem na sua vida, logo nas primeiras páginas ela compara a sua paixão pelo trabalho, pela sua empresa de guias de viagens, à paixão do seu marido (Franklin) por pessoas:

[...] (Você) Gostava de sair atrás de uma locação ideal. Mas não amava sua profissão. Sua paixão eram as pessoas, Franklin. De modo que quando vi você brincando com as filhas do Brian, fazendo bilu-bilu para elas com macaquinhos de pelúcia, admirando as tatuagens laváveis das duas, ansiei por lhe dar a oportunidade de sentir o mesmo ardor que um dia eu havia encontrado na *A Wing & a Prayer* – ou, como dizia você, na AWAP. (SHRIVER, 2007, p. 40)

É válido acrescentar nesse momento, que apesar de todos os avanços legais e morais que o movimento feminista em toda sua pluralidade agregou a vida das mulheres do século XXI, o pensamento machista-patriarcal permanece à luz das continuidades do tempo longo das mentalidades (BRAUDEL, 1992 *apud* OLIVEIRA; MAGALHÃES, 2017, p. 3). Portanto, além de querer ter seu espaço no mercado de trabalho, a personagem tem um pensamento diferente do que a sociedade ocidental acredita que uma mulher deve ter:

ela não tem desejo de ser mãe, ela apenas quer ser ela mesma – a escritora de guias de viagens e viajar pessoalmente conhecendo esses destinos, Eva entende-se como mulher e entende o ser mulher como dotado de liberdade, de condições reais de movimentação social. Para mais, antes de entrarmos no discurso propriamente dito de Eva sobre seu lugar na sociedade, precisamos entender um pouco mais sobre o que é a sociedade patriarcal e sobre o estereótipo mulher = mãe.

A família e a sociedade patriarcal e mulher-mãe, um binômio de uma construção herética

É imprescindível observar que Friedrich Engels, no seu livro “A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado”, escreve sobre a humanidade ter passado por três estágios de organização familiar: no estado selvagem, tínhamos o matrimônio por grupos; na barbárie, o matrimônio sindiásmico; e na civilização, a monogamia. Sobre a monogamia, ele escreve que

[...] ela surge sob a forma de escravização de um sexo pelo outro, como proclamação de um conflito entre os sexos, ignorado, até então, na pré-história. Num velho manuscrito inédito, redigido em 1846 por Marx e por mim, (Trata-se de A Ideologia Alemã. (N. da R.)) encontro a seguinte frase: “A primeira divisão do trabalho é a que se fez entre homem e a mulher para a procriação dos filhos”. Hoje posso acrescentar: o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino. A monogamia foi um grande processo histórico, mas, ao mesmo tempo, iniciou juntamente com a escravidão e as riquezas privadas, aquele período, que dura até nossos dias, no qual cada progresso é simultaneamente um retrocesso relativo, e o bem-estar e o desenvolvimento de uns se verificam às custas da dos e da repressão de outros. (ENGELS, 1987, p. 70-71)

Ou seja, conforme a mentalidade do momento, a família patriarcal monogâmica, leva a sociedade da barbárie à civilização, sendo aquela uma célula da organização social e de todos os seus antagonismos. Posto isso, é um conjunto hierárquico no qual o homem – já que patriarcal, deveria de pater = pai e archos = domínio – é o ser dominante que oprime a mulher, a qual é vista como um ser inferior. Uma vez que, nessa primeira divisão social, o homem por sua força física se torna hábil para a caça; para a guerra; para a competitividade; e que gera, com isso, o seu protagonismo militar. Em contraponto a isso tínhamos o cuidado feminino para com o lar, com a vida doméstica e com criação da prole. Portanto, a cultura patriarcal é aquela que valoriza a violência e constrói a primeira hierarquia entre os seres humanos alicerçada na fortificação de diferenças biológicas ou naturais em detrimento das diferenças sociais, sendo o primeiro sistema social que utiliza

das diferenças entre homens e mulheres para legitimar a dominação e conseqüentemente o uso da violência. (CASTRO, 2009, p. 2-3)

Podemos acrescentar também que a estratificação das sociedades de classe, isto é, a divisão do trabalho corroborou para um confinamento das mulheres nos lares, o que tornava mais evidente a sua assimilação ao ser mãe:

A inferioridade e incapacidade das mulheres foram sendo adquiridas com o seu encerramento no lar, paralelamente a uma dependência sexual agravada. Com o passar dos milênios e a estruturação das sociedades de classe, a divisão dos papéis se solidificou. Passou a ser acompanhada de um trabalho ideológico que tende a racionalizar e a justificar a inferioridade das mulheres, sua segregação, e que encontra sua expressão nos mitos dos povos primitivos. [...] uma constante permanece: a inferioridade das mulheres, seu confinamento nos papéis tradicionais. (ALAMBERT, 1986, p. 94 apud. SCHMITT, 2016, p.3-4)

Outro ponto a se observar é o do historiador francês Jean Delumeau, o qual deixa claro que a mulher causa medo no homem por ser vista como um ser associado às forças da natureza em função de sua fertilidade e reprodução (que na época era algo desconhecido, ligado ao campo da maravilha). Ou seja, pela maternidade, amamentação, quem faz a manutenção da espécie. Então, esse receio pelo desconhecido acarreta uma necessidade de controle e de uma construção de superioridade – com uso da violência de todo tipo, como mental, física e sexual – para assim, manter o controle das mesmas através da humilhação e opressão, um pensamento que se alinha ao de Engels citado anteriormente.

Outrossim, historicamente, surgiram imagens miméticas em torno do feminino baseadas na visão cristã-ocidental. Uma construção proporcionada pela religiosidade característica dessa sociedade ocidental repleta de colonizadores e por colonos representantes da Igreja Católica. Observemos duas: uma imagem de fragilidade, vitimizada e santificada; e outra de perigo e pecado. Segundo Follador, ambas dessas imagens eram ligadas a duas mulheres históricas: Maria (a mãe escolhida por Deus para ser mãe de seu filho) sendo o retrato de uma mãe santificada, zelosa, cuidadora e que deve ser usada como exemplo, segundo o pensamento religioso ocidental patriarcal. E Eva (a primeira mulher a ser criada por Deus), uma representação do mal, do errado, da sexualidade e do pecado (FOLLADOR, 2009, p. 3-16). Observa-se, assim, como as mentalidades foram se direcionando para que, na modernidade, legitimassem a existência de lugares sociais próprios para as mulheres. Eles foram alicerçados em códigos de conduta distribuídos em dois únicos papéis considerados “honrosos” a serem seguidos pelas mulheres: a castidade – caracterizado no papel social das freiras; e o matrimônio – na figura social da mulher

casada, cujos são alicerçados em “um amplo leque de deveres, obrigações, limitações e proibições, tanto na família e na sociedade como na instituição eclesial” (POUTRIN, 2006, p. 509).

Com essas breves reflexões, podemos perceber uma formação da sociedade ocidental baseada na ideia patriarcal herdada da divisão do trabalho amparada em uma visão biológica, a qual confere a mulher o cuidado do lar e da educação dos filhos, enquanto o homem, biologicamente mais forte, comanda a família e controla por meio da violência. Somando a isso, o medo do desconhecido, posto que a mulher é quem se aproxima mais da natureza, gerando uma necessidade de controle, também através da violência. Além da imagem mimetizada criada a partir de Maria, que é um exemplo a ser seguido, uma vez que configurava a santificação da mulher reforçando a ligação dela com o divino, puro e casto, que a partir do casamento, considerado um matrimônio e sendo um dos papéis sociais aceitos, deveria ser uma mãe boa e santa, que cuida dos seus filhos e do seu marido. Graças a esses pontos podemos dizer, então, que há uma assimilação da figura feminina como sinônimo de maternidade na sociedade ocidental, cristã e patriarcal baseada nas ideias biológicas, sociais, culturais e religiosas.

Tendo isso em mente, a psicóloga Carmem Grisci, aponta que “Ser mulher está biológica e socialmente tão relacionado ao ser-mãe que se caracteriza quase uma heresia pensar a mulher-mãe como binômio de uma construção.” (GRISCI, 1995, p. 14). A autora ainda mostra que há uma deturpação da própria maternidade, já que criaram histórias romanceadas desse papel que não se sustentam efetivamente. Dessa forma, os agentes do patriarcado tentam condicionar as mulheres desde a infância a esse papel, e isso fica evidente nas brincadeiras impulsionadas às meninas, como brincar de cuidar de bonecas, das irmãs/irmãos mais velhos, e conforme a situação social, até mesmo o trabalho como babá. (GRISCI, 1995, p. 14-15)

E ainda, Grisci salienta que, inserido no contexto social, há um curso predeterminado para a construção das mulheres-mães estabelecido por meio de dois vieses complementares: biológico e histórico:

A vertente representada pelo ritual biológico é cadenciada em três etapas que obedecem a uma sequência básica: a constatação do nascimento de uma menina, o tornar-se mulher pelo imperativo biológico da menstruação nos dizeres de Paiva (1990) e a maternidade.

Esse ritual, ideologicamente naturalizado, perpassa a vida das mulheres independentemente de sua concretude no real ou permanência em nível do imaginário.

[...] A vertente histórica se compõe de etapas básicas, variáveis em termos de constância e intensidade, de acordo com as condições sociais e econômicas que rodeiam cada mulher. (GRISCI, 1995, p. 15)

Diante disso, podemos então tecer comentários a partir da obra literária e audiovisual, sobre Eva como mãe e mulher. Embora vivesse em uma sociedade ocidental cristã patriarcal, a personagem se distanciava desse ideal imposto de mulher=mãe, posto que ela tinha um emprego a se dedicar, uma posição de chefia, o querer cuidar de si mesma, o que a creditava um olhar negativo de seu companheiro, que diversas vezes oferta críticas por ela “não cuidar do filho” ou “não cuidar dele (marido)”. Conforme o desenvolvimento do livro, isso se tornou um ponto principal de dor para ela, pois – depois de ser questionada no tribunal sobre suas ações como mãe, pela culpa incutida nela pela sociedade e ainda pela culpa que ela mesma sente por não ter sabido lidar com Kevin – a personagem sempre deixa claro que não tinha vontade de ser mãe, como na passagem:

Qualquer que seja o gatilho, o chamado não penetrou meu sistema e isso me deixou com a sensação de que havia sido enganada. Quando percebi, aos trinta e poucos, que ainda não entrara no cio materno, comecei a me preocupar com a possibilidade de haver algo errado comigo, algo faltando. Até dar à luz Kevin, aos trinta e sete anos, já havia começado a me perguntar se, ao não ter simplesmente aceitado esse meu defeito, eu não teria ampliado uma deficiência incidental, talvez até mesmo química, para uma falha de proporções shakespearianas.

[...]

Portanto, meu receio não era apenas de virar minha mãe, eu temia ser mãe. Tinha medo de me tornar aquela âncora segura e estacionária que fornece a plataforma para a decolagem de mais um jovem aventureiro, cujas viagens eu talvez inveje e cujo futuro ainda não tem amarras nem mapas. Tinha medo de virar aquela figura arquetípica na soleira da porta – desmazelada, meio gorda – que acena adeuses e manda beijos enquanto uma mochila é posta no porta-malas; que enxuga os olhos com o babado do avental sob a fumaça do cano de escape; que se vira, desolada, passa o trinco na porta e vai lavar os poucos pratos que restaram na pia, sob um silêncio que pesa sobre a cozinha como um teto caído. Mais do que partir, eu tinha pavor de ser deixada. (SHRIVER, 2007, p. 39-40)

[...]

Franklin, eu *tinha verdadeiro pavor de ter um filho*. (SHRIVER, 2007, p. 45)

Eva, além de ter medo de não corresponder às expectativas que a sociedade impõe às mulheres, como se existisse um itinerário, como descreve Grisci. Conforme a mulher é

entendida como mãe, o itinerário materno é infinito em duração, elas seriam construídas para esse trabalho e colocariam em detrimento qualquer outra atividade que desempenhassem, tornando suas vidas regidas única e exclusivamente pela maternidade: “Primeiramente, com os ensaios e a possibilidade de viram a ser mães, depois com o ser mãe propriamente dito e o ser avó, enquanto reedição da maternidade.” (GRISCI, 1995, p.15). Lionel Shriver também chama atenção para um fato curioso, através de Eva, como a gravidez torna o corpo da mulher um espaço social:

Aquela foi a minha introdução à maneira como, cruzada a soleira da maternidade, de repente você se transforma em propriedade social, no equivalente animado de um parque público. Aquela frase tão recatada, “você agora está comendo *por dois*, querida”, pelo menos cerca de duzentos milhões de enxeridos que têm a prerrogativa, qualquer um deles, de reclamar se porventura algum dia você tiver vontade de comer um *donut* com geleia e não uma refeição completa, composta por grãos integrais e legumes de folha, que cubra todos os cinco principais grupos alimentares. O direito de mandar nas grávidas estava sem dúvida a caminho de entrar para a Constituição. (SHRIVER, 2007, p. 68)

Com uma busca rápida pela internet sobre o corpo da mulher se tornar público durante a gravidez, podemos ver a seguinte frase “Barriga de gestante não é pública” (BARTH, 2017), o que nos leva a uma discussão interessante. Segundo a pesquisadora Eliane Portes Vargas no artigo “‘Barrigão à mostra’: vicissitudes e valorização do corpo reprodutivo na construção das imagens da gravidez”, a exposição do corpo grávido é relativamente recente, a gravidez como “espetáculo” iniciou-se nos anos 1980. A pesquisadora cita algumas celebridades, como Luiza Brunet e Wanderléa, que divulgaram seus corpos grávidos *seminus* nas capas de revistas, gerando uma transformação do olhar infantilizado ligado a esses corpos nos anos 1950, para um olhar mais sexualizado a partir dos anos 1960. A autora ainda afirma que “tratando-se da dimensão reprodutiva em seus aspectos simbólicos, os usos das imagens do corpo nos meios de comunicação em geral, retratado em cenas públicas e privadas, indicam as imbricações entre sexualidade e reprodução” (VARGAS, 2012, p.244). O que podemos colocar como uma das explicações para a ideia de corpo público – mesmo que seja uma ideia deturpada, já que a exposição do corpo não outorga legitimidade alguma para toques ou olhares – que Eva aponta no livro, em outra passagem, ela diz que também se sente observada por olhares maliciosos:

Você sabia que os americanos olham muito para as grávidas? No Primeiro Mundo, onde os índices de natalidade são baixos, a gestação é uma novidade e, nos tempos de peitos e bundas espalhados por tudo quanto é banca, é a verdadeira *pornografia* – invocando visões

intrusivamente íntimas de pernões esparramados, vazamentos, incontinência, aquela lúbrica enguia umbilical.

[...]

Seja como for, eu estava acostumada a atrair olhares com uma sainha curta, e os olhares de esguelha que eu recebia de estranhos, nas lojas, começaram a me dar nos nervos. (SHRIVER, 2007, p. 75)

Um ponto a ser pensado é: “Por que Eva engravidou?”, visto que ela apresentava uma ideia diametral ao que a sociedade enxerga como correto biológico e socialmente. Ela explica essa escolha em uma de suas cartas ao marido assassinado:

Você ambicionava tão pouco; havia uma única coisa importante que você queria que estava a meu alcance fornecer. Como é que eu poderia ter negado a você a luz que lhe iluminava o rosto quando atirava as duas meninas eufóricas de Brian para o alto?

[...]

Não é verdade que eu me sentisse “ambivalente” a respeito da maternidade. Você queria ter um filho. Eu não. Tudo somado, até parecia uma ambivalência, mas, mesmo formando um casal que era realmente o máximo, não éramos uma mesma pessoa. (SHRIVER, 2007, p. 71)

Abrindo mão do seu não desejo de ser mãe, ao invés de receber todo apoio do marido, Eva se sente sozinha, dado que Franklin passava o dia todo fora de casa e quando ele chegava e ela lhe contava como estava sendo difícil, o mesmo relativizava tudo o que ela dizia. E além de descredibilizar, o marido começa a questionar de forma mais incisiva a participação dela no mercado de trabalho, ele já reclamava que ela ganhava mais do que ele: “‘Casado com a Dona Caixa-Forte, isso não importa muito’/ ‘Importa para você’. Sua maturidade diante do fato de eu ganhar muito mais tinha limites.” (SHRIVER, 2007, p. 30).

Na verdade, Franklin sempre contrariou a liberdade de Eva, sua independência, seu sucesso no mundo do trabalho. Acreditamos que cabe citar aqui a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie: “ensinamos as meninas a se encolher, a se diminuir, dizendo lhes: ‘Você pode ter ambição, mas não muita. Deve almejar o sucesso, mas não muito. Senão você ameaça o homem. Se você é a provedora da família, finja que não é, sobretudo em público. Senão você estará emasculando o homem.’” (ADICHIE, 2014, p. 33). É exatamente isso que Franklin queria – como uma representação de um agente do patriarcado – que Eva se diminuísse, deixasse de ser Eva, empresária; Eva, a criadora do guia *A Wing & a Prayer*; Eva, escritora; Eva, viajante; para ser a Eva, mãe-dona de casa:

“Franklin, eu não fundei minha empresa para escapar das suas garras. Não se esqueça de que ela é anterior a você.”

“Ah, dificilmente eu poderia ter esquecido desse fato.”

“É meu trabalho!”

“Mas não precisa ser.”

[...]

“Eva. Você sabe e eu também. Você não precisa fazer isso (isso = viajar a trabalho).” (SHRIVER, 2007, p. 41)

Em certa passagem, depois que Eva tinha abandonado por bastante tempo sua empresa e estava retornando ao trabalho, o marido até insinua que ela tinha “abandonado” o filho: “Você interrompeu o beijo e resmungou: ‘Pode levar um tempo, Eva. Para crianças da idade dele, três meses é uma vida. Eles ficam bravos. Acham que você não vai voltar nunca mais.’” (SHRIVER, 2007, p. 150). Similarmente as acusações que o agente do patriarcado (Franklin) oferece a Eva, a cultura patriarcal intrínseca na sociedade a tacha como culpada pelos atos do filho: “A mãe é culpada de mil formas por não ser a mãe perfeita dos mitos, por não fazer tudo pelos filhos, por não saber evitar doenças, culpada porque toda literatura explica que as mães não têm mais o direito de não se saírem bem. Serrurier (1993) declara que toda essa culpa é a inimiga número um da maternidade feliz.” (PEDROSA, 2015, p. 46.)

Na adaptação audiovisual, vemos os ataques da sociedade em torno dela. Eva acorda em sua casa, a qual comprou com o dinheiro que sobrou depois de pagar todas as despesas ligadas ao julgamento de Kevin, despesas pagas com suas economias, a venda de sua empresa, uma punição que parecia mais destinada a ela, que ao próprio assassino. Ela compra uma casa deteriorada, pequena, que se contrapõe à casa de quando Kevin era criança, a qual era opulenta, moderna, com quintal enorme, mas que se assemelha com a atual aparência de Eva, triste e cinzenta, e percebe que sua casa foi vandalizada com uma tinta vermelha.

Essa cor está presente durante todo o filme, logo na primeira cena vemos Eva em um festival de tomates quando era mais nova. Em alguns *flashes* a observamos tentando retirar essa tinta da casa, e *closes* de suas mãos repletas de tinta, nos remete à frase “sangue nas mãos”, posto que, em diversas cenas ela é dita como culpada pelas ações do seu filho infrator, podemos também remeter o vermelho à guerra, a violência, ao perigo, ao alerta, ao calor e ao amor (STAMATO; STAFFA; VON ZEIDLER, 2013, p. 7), gostaríamos de nos ater as três primeiras referências. Além desse vandalismo, ela sofre ataques físicos e verbais de mães dos estudantes assassinados, e uma “perseguição” por uma dessas mães, essa mesma mulher aparece no julgamento, no mercado (quando quebra a dúzia de ovos

que Eva escolheu para comprar – imagem 7 – e o curioso é que Eva não troca os ovos, ela os leva quebrados, faz um omelete com eles e conforme come retira os pedaços de casca que ficaram perdidos, essa cena caracteriza bastante os sofrimentos de Eva, ela cole os cacos do seu corpo e do que Kevin deixou quebrado) e nos *flashs* relacionados à fatídica quinta-feira em que Kevin assassina seus colegas de escola.

Retornando ao livro, e finalizando este breve artigo, Eva carrega uma culpa desde que o filho era pequeno, o marido sempre dizia que ela deveria largar o emprego e cuidar do filho e isso fazia com que ela se sentisse culpada, uma mãe insuficiente. Enquanto espera para visitar Kevin na penitenciária, ela conversa com outra mãe (Loretta Greenleaf), essa a pergunta se ela sabe o porquê de o filho ter assassinado tantas pessoas e Eva responde: “Imagino que seja culpa minha’, falei, em tom de desafio. ‘Não fui uma boa mãe...fui fria, severa, egoísta. Se bem que ninguém possa dizer que não paguei um alto preço por isso” (SHRIVER, 2007, p. 198), e é justamente o que condiz com o que Grisci explica: “No tocante a trabalho, a mulher é sujeita a um modo de operação da ideologia que age de forma a atribuir-lhe exclusiva responsabilidade por uma demanda que não é somente sua; trata-se da culpabilização.” (GRISCI, 1995, p. 16) Ou seja, mesmo que as mulheres tenham consciência da necessidade de seu trabalho, elas não deixam de se culpar, pois a ideia incutida pela sociedade é que a mulher-mãe que abandona os/as filhos/as para ser mulher-trabalhadora, transgridem as leis naturais do ser mulher: A mulher-mãe incorpora duas dimensões, a mãe real e a mãe ideal, sendo o choque entre ambas inevitável. (GRISCI, 1995, p. 16)

Dado o exposto até aqui e antes de chegar ao tópico Considerações Finais, citamos a fala de Loretta Greenleaf para Eva:

‘É sempre culpa da mãe, não é verdade?’, disse ela, bem baixinho, pegando o casaco. ‘Aquele menino deu errado porque a mãe dele bebia, ou se drogava. Ela deixava o garoto solto na rua; ela não ensinou a ele o que é certo e o que é errado. Nunca estava em casa quando ele voltava da escola. Ninguém nunca diz que o pai era um bêbado, ou que o pai nunca estava em casa quando o garoto voltava da escola. E ninguém jamais diz que alguns desses garotos não prestam e pronto. Não vá você acreditar nessa balela. Não deixe que eles ponham nas suas costas essa matança toda.’

[...]

‘É duro ser mãe. Ninguém nunca aprovou uma lei que diz que para alguém ficar grávida tem que ser perfeita. Tenho certeza de que você tentou ao máximo. Você não está aqui, nesse fim de mundo, numa bela

tarde de sábado? Você continua tentando. Se cuide, meu bem. E não diga mais essas bobagens.’ (SHRIVER, 2007, p. 199)

Considerações finais

Em virtude do que foi apresentado, podemos iluminar Eva Khatchadourian, uma representação da nova mulher, que se entende como uma mulher independente, com uma vida além do lar. Mesmo sob a luz breve desse artigo, iluminamos suas dores e suas cicatrizes, vemos que Eva é uma representação literária do que a sociedade ocidental cristã-patriarcal faz com as mulheres: suprime (reduzindo ao ser mãe), mimetiza (visão estereotipada de mulher ideal) e culpabiliza (única responsável pelos erros da criança). Compreendemos também, como essa sociedade minimiza a mulher ao lar, relegando-a ao ser-mãe e mesmo sendo – abrindo mão de sua carreira, como Franklin, a representação de um agente do patriarcado, queria que ela fizesse – a culpa por não ser a “mãe ideal”. E com isso, percebemos como o velho patriarcado ainda se faz presente na contemporaneidade. Eva é frequentemente tachada como culpada pela chacina que o filho comete, até ela mesma se enxerga assim, posto que, na sociedade em que vive, é obrigação da mulher cuidar dos filhos, educa-los, dar amor, dar de comer, logo, se o mesmo tropeçar ou até mesmo ficar doente, quem é responsável só pode ser a mãe. Acredito ser válido destacar que, embora a Eva seja uma personagem fictícia, ela representa muitos debates atuais presentes no cotidiano feminino e necessários no meio acadêmico acerca da mulher e da maternidade.

Referências bibliográficas:

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Editora Companhia das Letras, 2014.
- AGUIAR, Neuma. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. **Sociedade e estado**, v. 15, n. 2, p. 303-330, 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/cRnvYmPTgc59jggw7kV5F4d/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25 de novembro de 2020.
- BARTH, Samara. Barriga de gestante não é pública. **Blog Superela**. Setembro/ 2017. Disponível em: <https://superela.com/barriga-de-gestante-nao-e-publica>. Acesso: 17 de novembro de 2020.
- BORSA, Juliane Callegaro; FEIL, Cristiane Friedrich. O papel da mulher no contexto familiar: uma breve reflexão. **O portal dos Psicólogos**, v. 185, p. 1-12, 2008. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0419.pdf>. Acesso: 17 de novembro de 2020.
- BRADSHAW, Peter. Cannes 2011 review: We Need to Talk About Kevin. **The Guardian**. Reino Unido. 12 de maio de 2011. Seção Culture. Disponível em: <https://www.theguardian.com/film/2011/may/12/cannes-we-need-talk-about-kevin-review>. Acesso em: 17 de novembro de 2020.
- CASTRO, Rício. A necessária reflexão sobre a cultura patriarcal na era da globalização. **V ENECULT-Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, v. 27, 2009. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2009/19374.pdf>. Acesso em: 25 de novembro de 2020.
- DA CONCEIÇÃO, Antônio Carlos Lima. Teorias feministas: da “questão da mulher” ao enfoque de gênero. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção–RBSE**, v. 8, n. 24, p. 738-757, 2009. Disponível em: http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Conceicao_art.pdf. Acesso em: 25 de novembro de 2020.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. tradução Heci Regina Candiani. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2016.

DE BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Nova Fronteira, 2014.

ENGELS, Friedrich. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. São Paulo: Lafonte, 2020.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental. **Revista fato & versões**, n. 2, p. 3-16, 2009. Disponível em: encurtador.com.br/owzPT. Acesso em: 20 de novembro de 2020.

JONES, Emma. We Need To Talk About Kevin becomes the talk of Cannes. **BBC News**. Cannes, 16 de maio de 2011. Seção Entertainment reporter. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/entertainment-arts-13401742>. Acesso em: 17 de novembro de 2020.

KOLLONTAI, Alexandra. **A nova mulher e moral sexual**. Parma, 1979. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/67835/mod_resource/content/2/Alexandra%20Kolontai.pdf. Acesso em: 17 de novembro de 2020.

LAQUEUR, Thomas. Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

OLIVEIRA, Kátia Luzia Soares; MAGALHÃES, Ana Paula Moreira. Narrar e pensar o outro, narrar e pensar em si: a escrita da História da África entre e etnocentrismo e a epistemologia das diferenças. **Revista Espacialidades [online]**, v. 10, n. 1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/article/view/17669/11540>. Acesso em: 03 outubro de 2021.

PEDROSA, Jéssica Nayara Cruz. Precisamos Falar Com Evas: Uma Análise Psicanalítica da Narrativa de Mães de Adolescentes Infratores. **UFA: Manaus**, 2015. Disponível em: https://riu.ufam.edu.br/bitstream/prefix/4701/1/PIB-SA00672014_FINAL.pdf. Acesso em: 17 de novembro de 2020.

POUTRIN, Isabelle, Las mujeres en el siglo de las reformas religiosas. In: CORTÉS PEÑA, Antonio Luis (Coord.). *El mundo moderno* (Historia Del Cristianismo, t. III). Madrid: Ed. Trotta: Universidad de Granada, 2006, p. 509-549.

PRECISAMOS Falar sobre o Kevin – Edição Especial. **Intrínseca**. Brasil. 20 de janeiro de 2012. Seção Catálogo. Disponível em: <https://www.intrinseca.com.br/livro/203/>. Acesso: 17 de novembro de 2020.

SCHMITT, Nayara Graciele. A influência da cultura patriarcal na produção de violências e na construção das desigualdades entre homens e mulheres: um olhar dos profissionais que atuam na rede de proteção social no município de Araranguá/SC. **TCC** (Pós graduação em Educação e Direitos Humanos), Escola, violências e defesa de direitos. Universidade do Sul de Santa Catarina, 2016. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Artigo-Nayara.pdf>. Acesso em: 17 de novembro de 2020.

SHRIVER, Lionel. Lionel Shriver talks about Kevin. **The Guardian**. Reino Unido, 17 de maio de 2011. Seção Cultura. Disponível em: <https://www.theguardian.com/film/2011/may/17/lionel-shriver-we-need-talk-kevin>. Acesso em: 17 de novembro de 2020.

SMITH, Sarah A. Not mad about the boy. **The Guardian**. Reino Unido. 15 de novembro de 2003. Seção Culture. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2003/nov/15/featuresreviews.guardianreview27>. Acesso: 17 de novembro de 2020.

STAMATO, Ana B. Taube; STAFFA, Gabriela; VON ZEIDLER, Júlia P. A influência das cores na construção audiovisual. In: **XVIII CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE**, Bauru, SP. 3ª ed, vol. 5, n. 7, 2013. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2013/resumos/R38-1304-1.pdf>. Acesso em: 17 de novembro de 2020.

VARGAS, Eliane Portes. “Barrigão à mostra”: vicissitudes e valorização do corpo reprodutivo na construção das imagens da gravidez. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 19, p. 237-258, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/hcsm/a/qnhGXWv7hgswbWqsQMxFZpn/?lang=pt>. Acesso em: 17 de novembro de 2020.